Meu caro Ernesto.

Muito reconhecida venho
agradecer-lhe a sua delicada
carta que tanto e tanto aprecii.
O primo Ernesto que sabe bem
como nós nos estimamos to-
das, avaliará perfeitamente a
enorme falta que nos faz
a nossa querida e boa Maria
Luiza. Já vão fazer dois
mezes ~~dois me~~ que ella falleceu
e eu ainda me não posso
habituar a idea de que não

mais a tornarei a vêr. Na ver-
dade é uma coisa tão pou-
co natural, tão triste, ver
desapparecer uma pessoa
ainda tão nova, e que
tanto queria viver. Ella coita-
dinha nunca se podia conven-
cer que morreria. Se é certo
que tinha momentos de
grande desalento, outros
havia em que tinha um-
muita esperança de viver.
Muitas vezes ella propria
dizia que a esperança
que tinha era um sym-
toma de sua doença,

mas depressa se esquecia d'isso,
e lá tornava a fazer planos
de ir para a Europa outra vez,
ou outro qualquer ponto on-
de houvesse ar bastante pu-
ro para poder melhorar de-
pressa. E era tão grande
a sua fé, tão convenci-
da ella nos explicava que
já tinha tido crises peiores,
que nos chegava a convencer
tambem (Talvez pelo muito
muito que lhe queriamos)
que era possivel ainda a
sua cura. Até eu que a conheci
a ultima vez que passou

um pretexto e vir na commi-
cação quando se que venha e
lhe chegou a Estellas. As pessi-
as que se gerar a esta vocaci-
ão ficassem todas sujeito um-
pensador ... nos porque
e verdade era naturalmente to-
dos os dias nós davamos comi-
tha, todo bem grande a ba-
timento. Quando lhe digo nei-
nhuma Deus me parece
uma cousa tudo até tão
tarde, pensamos numa de-
volta, mesmo que uma
pessoa tenha tão tão tinha,
que estava prompta sempre